

O monacato e as vidas de santo no reino franco na Alta Idade Média: uma discussão historiográfica

JULIANA PRATA DA COSTA¹

Considerações Iniciais:

A partir de nosso interesse acerca do período medieval, mais especificamente sobre a produção intelectual eclesiástica nesse período, e as relações de poder presentes no âmbito religioso, buscamos com este trabalho, primeiramente, sistematizar algumas considerações gerais sobre a hagiografia. Para tal, levamos em conta que as *vitae* tornaram-se um gênero literário muito popular na Idade Média (GURIÉVICH, 1984: 27).

Além disso, identificamos a relevância do monacato, ao nos preocuparmos com este processo mais amplo de fortalecimento e expansão da Igreja,² sobretudo no reino franco.³ Assim, procuramos as referências acerca da vida monástica na documentação para então relacioná-las com a contribuição que a historiografia nos fornece quanto a este assunto. Ressaltamos que nossa proposta não separa em blocos as etapas referidas, já que a análise das fontes e sua relação com a historiografia é algo que ocorre concomitantemente ao longo de toda a nossa pesquisa.

Na tentativa de dar conta da problemática acima apresentada,⁴ que une o relato hagiográfico e a vida monástica, elegemos três aspectos principais que nortearão nossa análise: o jejum, o trato do corpo e a vida comunitária. Estes elementos são eixos escolhidos no intuito de realizar uma trajetória temática específica destes recursos da

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista CAPES e colaboradora do Programa de Estudos Medievais da UFRJ.

² Ressaltamos que ao utilizarmos o termo Igreja nosso objetivo não é fazer referência a uma instituição com o significado atual que ela possui. Nossa concepção em relação à Igreja nesta comunicação é de uma instituição em formação, e em organização, inclusive quanto à sua hierarquia.

³ Destacamos aqui a existência de distintos grupos no reino apesar da denominação comumente utilizada de “francos”.

⁴ Lembramos que este é um contato inicial com a documentação e com este tema e objeto de pesquisa. Por conta disso, não apresentaremos conclusões fechadas sobre os aspectos levantados neste trabalho.

prática ascética, tanto na escolha de referências presentes nas fontes, quanto ao privilegiar determinados autores.

O gênero hagiográfico:

O termo hagiografia deriva de raízes gregas (hagios = santo; grafia = escrita) e é empregado desde o século XVII para indicar tanto a análise crítica dos diferentes aspectos relacionados ao fenômeno de culto aos santos, assim como os textos que tenham como temática fundamental estes personagens e sua veneração (SILVA, 2008:7).

O gênero hagiográfico se desenvolveu de maneira bastante vasta nos primeiros séculos do Cristianismo (LINAGE CONDE, 1997: 265-290) e este bloco compreende um conjunto bastante diverso de registros.⁵ Um dos grupos que alcançou maior destaque foram as *Vidas dos Santos*, seja pelo caráter edificante típico destes relatos, o que contribuiu para o panorama de expansão cristã, mas também, por outro lado, pelas aventuras e milagres que os personagens principais, os santos, protagonizavam nas *vitae*.

Ao nos debruçarmos sobre os trabalhos dedicados ao estudo das hagiografias é de fundamental importância tratar dos intelectuais liderados por Jean Bolland. Entre as tarefas levadas a cabo por este grupo, conhecidos como bolandistas, destacamos a compilação de textos hagiográficos visando, sobretudo, a edição crítica das fontes. O aspecto fundamental que orientou a reunião de escritos por parte destes intelectuais foi a busca por dados “concretos” nos documentos, como por exemplo: a existência efetiva dos personagens e a precisão de informações como datas ou localidades citados em suas trajetórias.

Um segundo momento da escola acima citada foi inaugurado por Hippolyte Delehaye, no início do século XX, ainda promovendo um tratamento crítico sobre os documentos. A proposta inovadora recomendava a utilização da hagiografia como

⁵ Dentre os textos considerados de natureza hagiográfica, destacamos os Martirológios, Calendários, Legendários, Processos de Canonização, Atas, entre outros.

objeto para o estudo da História para além do emprego tradicional como literatura devocional. No entanto, esta tradição permanecia demasiado atrelada às ideias positivistas ao tentar identificar os “verdadeiros” fatos históricos em detrimento dos considerados fictícios (SILVA: 2008, 7).

Contudo, a partir das últimas décadas do século passado, motivados em grande medida pela contribuição dos *Annales*, os estudos históricos que contemplaram as *Vidas de Santos* voltaram-se para uma perspectiva menos factual e mais ligada à formulação de problemas de pesquisa. Segundo Sofia B. Gajano a documentação hagiográfica é considerada o fundamento de distintas investigações para além da exclusividade dos fenômenos teológicos (2002: 449). Entre as temáticas privilegiadas nestes estudos podemos mencionar a sexualidade, o corpo, a peregrinação, a organização social, entre tantas outras possibilidades a serem exploradas.

Não podemos deixar de mencionar os trabalhos de Santiago Castellanos que defendeu o tratamento de elementos ligados ao âmbito social, político e econômico das sociedades analisadas, a partir das fontes hagiográficas. O autor propõe estudos pautados no contexto histórico de produção das *vitae*, ou seja, a alternativa proposta por ele privilegia o cotejamento das informações documentais com aquelas tidas como verdade histórica já trabalhadas pela historiografia (2004:417).

Isabel Velazquez está em consonância com esta vertente historiográfica. Está, portanto, preocupada com o estabelecimento de questões específicas na análise da documentação hagiográfica, para compreender a conjuntura de inserção das fontes consultadas e a correlação das referências em questão com o contexto de produção documental (2005: 26). Em contrapartida, ressaltamos a contribuição de Ronaldo Amaral que tem como enfoque as questões do imaginário nas hagiografias. O autor critica a preocupação excessiva com a verdade objetiva em favor da implicação sociocultural e mental da imagem do santo e de sua representação (2013: 52-58). Ou seja, entre as questões principais levantados por Amaral estão aquelas atreladas aos processos mais amplos, os de longa duração, especialmente, os mentais.

Em suma, muitas têm sido as formas de examinar os documentos hagiográficos colocadas em prática pelos historiadores e os autores aqui mencionados são apenas

alguns exemplos de possibilidades. É necessário demarcar nossa inclinação em observar a hagiografia como recurso fundamental na compreensão da vida social e das relações de poder próprias de seu momento de produção, especialmente aquelas oriundas dos meios eclesiástico e monástico extrapolando o caráter exclusivamente religioso.

As hagiografias merovíngias - Venâncio Fortunato

Por conta dos detalhes narrados nas *Vidas de Santos* como a capacidade deles de realização dos mais diversos milagres, o poder sobrenatural concedido pela divindade e o exemplo material da trajetória de um mediador entre o homem e Deus, ou seja, de alguém que conseguira atingir a perfeição, são algumas das razões que justificam o sucesso que as hagiografias obtiveram junto às populações locais. Principalmente aquelas a serem cristianizadas nos reinos romano-germânicos, inclusive na Gália.

Isto porque, acreditamos que os hagiógrafos estão envolvidos, de maneira direta ou indireta, com as estratégias de cristianização e de consolidação da doutrina cristã. Nesse sentido, seus relatos dialogam com as normativas provenientes da alta hierarquia eclesiástica a partir do estabelecimento de normas quanto à própria concepção de santidade. Ou seja, certos elementos presentes nas hagiografias são comuns a outros deste mesmo gênero⁶ e nos fornecem indícios quanto à construção da categoria de santo empreendida durante aquele período, em uma região específica.

Marcelo Cândido e Milton Mazetto afirmam que um número considerável de hagiografias foram escritas durante o período merovíngio e que o objetivo da escrita era demonstrar a santidade de personagens eclesiásticos e também ampliar o prestígio das igrejas ou monastérios aos quais estes estavam ligados (2006: 12). Tal aspecto nos

⁶ Estes aspectos que são comuns em diversos textos hagiográficos, os chamados *topoi* e se caracterizam, por exemplo, pelos elogios dedicados aos personagens centrais, o conjunto de virtudes utilizado para enaltecer sua personalidade, o poder miraculoso e a exemplificação detalhada desses milagres colocados em prática durante sua vida e após a sua morte.

interessa particularmente, ao propormos uma análise pautada na aproximação destas duas categorias: hagiografias e monacato.⁷

Venâncio Fortunato nasceu por volta de 530, em Treviso, localizada atualmente no norte da Itália e adquiriu uma formação intelectual fundamentada na educação clássica. Estudou em Ravena, onde teria perdido a visão e a recuperado após um milagre concedido por Martinho de Tours.⁸ Após esse episódio, Fortunato decide visitar o túmulo do santo e viaja até a Gália, aproximadamente em 565, onde conheceu Radegunda de quem se tornou amigo pessoal.⁹ Entre seus escritos, podemos destacar a grande variedade de obras poéticas, sendo inclusive algumas incorporados à liturgia da Igreja, além de cartas e de hagiografias (BODELÓN: 2013, 133-46).¹⁰ Tendo em vista a necessidade do estabelecimento de um recorte nessa comunicação, centraremos-nos em duas *vitae* escritas por ele e dedicadas a Albino e a Radegunda: a *Victa Sancti Albini* e a *Victa Sancti Radegundis*.¹¹

Na primeira hagiografia o autor destaca a origem nobre do santo e logo depois desconstrói esta característica afirmando o abandono dos privilégios carnaís¹² / terrenos que a condição social de sua família poderia lhe oferecer em favor de sua vocação cristã. Por volta dos vinte anos, Albino ingressa no mosteiro Cincilacense e inicia sua carreira monástica.

A partir daí, Fortunato destaca a superação das limitações humanas do santo por meio de um aspecto principal: a persistência diária em vencer os limites do seu próprio

⁷ Cabe destacar que os dois santos protagonistas das hagiografias analisadas em nossa pesquisa, e que serão tratados mais detalhadamente logo abaixo, tiveram relação direta com mosteiros. Albino foi cenobita e posteriormente abade e Radegunda tornou-se monja e depois de certo tempo fundou um monastério.

⁸ Durante seus estudos em Ravena, Fortunato perdera a visão e só a teria recuperado esse sentido após ungir seus olhos com azeite de uma lâmpada do altar dedicado a Martinho de Tours.

⁹ Alguns autores apontam que Venâncio Fortunato foi inclusive moderador da vida monástica de Radegunda e de sua filha adotiva Inês no mosteiro de Santa Cruz, em Poitiers.

¹⁰ Segundo Bodelón os santos são os novos heróis pautados em uma literatura utópica, ou seja, a escrita típica das hagiografias seria redigida a partir da enumeração de valores inalcançáveis para os homens comuns, mas que se tornam possíveis para aqueles dotados de santidade com ajuda da graça divina.

¹¹ A partir de então trataremos da *Victa Sancti Albini* e da *Victa Sancti Radegundi* como VSA e VSR, respectivamente. A versão da VSR em espanhol utilizada como arcabouço documental foi traduzida por Francisco Pejenaute Rubio e publicada na *Archivum*, revista da Faculdade de Filologia da Universidade de Oviedo, em 2007. Já a da VSA, foi publicada na revista *Tiempo y sociedad* no final do artigo: “Venancio Fortunato y las letras en el Medievo y el Humanismo”.

¹² Identificamos aqui um elemento de ratificação da oposição entre corpo e alma. Ou seja, a recusa ao prazer corporal é diretamente associada a uma série de benefícios espirituais que engrandeceriam a alma.

corpo.¹³ Por fim, o autor faz alusão a uma série de milagres que teriam sido realizados por Albino como recompensa concedida pelo poder divino pela dedicação e fidelidade, o primeiro deles, ainda como cenobita,¹⁴ além de sua escolha como abade e a posterior indicação para o bispado de Andegavia.

O segundo relato hagiográfico trata da princesa, filha do rei Bertário, nascida na Turíngia, escrita a partir de uma viagem de Fortunato a Poitiers, intermediada pelo bispo Euphronius. Radegunda pertencia ao grupo familiar real desta região conquistada pelos merovíngios mais especificamente pelos filhos de Clóvis: Thierry I e Clotário I, momento em que a santa teria entre oito e onze anos. Apesar da disputa entre os dois irmãos, Clotário conseguiu a posse dela que foi então educada e batizada por Medardo. Este ficou responsável por fornecer a Radegunda uma clássica formação cultural, religiosa e moral,¹⁵ até que completasse dezoito anos, quando se casou com o monarca, como sua quinta esposa.

Já na corte, Radegunda fundou em Saix um asilo para enfermos e dedicava-se a estes cuidados e à oração até que conseguiu separar-se de Clotário, com a ajuda de Medardo, e ingressou na vida religiosa. Segundo Pejenaute, um fator importante para a decisão da santa foi o assassinato de seu irmão, por seu marido, como mecanismo de represália à rebelião da Turíngia, em 555 (PEJENAUTE, 2005: 171-186). Em Poitiers, Radegunda fundou o monastério de Santa Cruz que reuniu cerca de duzentas religiosas.

Hagiografia e Monacato: a vida comunitária, o jejum e o trato do corpo

¹³ Para exemplificar tal comportamento empreendido pelo monge podemos citar algumas referências contidas no documento, entre elas: o jejum constante, assiduidade de vigílias e orações, além do trabalho no cuidado de pobres e doentes.

¹⁴ O primeiro milagre realizado por Albino teria ocorrido durante o cumprimento de uma missão designada pelo abade do mosteiro. Percebemos no documento a exaltação da disciplina e do respeito dos jovens diante dos mais velhos, inclusive no interior do cenóbio, estes aspectos são descritos recorrentemente e representam condições para sua escolha como abade e, após cinco anos no cargo, sua indicação ao bispado.

¹⁵ Na hagiografia notamos referências que engrandecem o preparo recebido pela rainha. Esses registros destacam o importante conhecimento de latim adquirido por Radegunda e identificam sua “conversão” em uma jovem muito devota, justificando dessa maneira, a posterior resistência ao matrimônio. Segundo nossa perspectiva, estes elementos estão presentes no texto hagiográfico com objetivo de valorizar a formação da santa, justificar sua escolha como futura rainha e, sobretudo, para demonstrar o merecimento da santidade, postura recorrente em grande parte das vidas de santos como já citamos acima.

Segundo Markus: “o ascetismo vinha ser a marca do cristianismo autêntico numa sociedade em que ser cristão não mais precisava fazer qualquer diferença na vida de uma pessoa”. (1997: 46). Ou seja, após o período de conversão, segundo o autor, torna-se favorável em um momento seguinte, já de expansão da fé cristã, uma particular manifestação de identidade religiosa: o monacato. Maier acrescenta que depois desse período inicial de cristianização dos reinos romano-germânicos, as figuras dos monges passam a ser associadas, assim como os bispos, às duas principais personagens de ideal divino, em detrimento dos mártires (1986: 217).

O principal representante do movimento monástico na Gália foi Martinho de Tours¹⁶ em meados do século IV (COLOMBÁS, 2004: 237) e como princípios básicos para tal prática elegeu o ascetismo individual e o eremitismo. Nos dois séculos seguintes, percebemos um aumento da institucionalização do cenobitismo como um modo de vida comunitário e regular. Dunn concorda com esta perspectiva de que em meio ao sexto século, na Gália, a instituição cenobítica já havia alcançado significativa estabilidade (2000: 96). Destacamos tais perspectivas com objetivo de afirmar que, durante o período de escrita da documentação analisada, a atividade monástica e a reclusão cenobítica já se apresentavam como uma das manifestações do processo de cristianização empreendidas também no reino franco, visto que, tanto Albino quanto Radegunda ingressam em cenóbios.¹⁷

Concordamos que o movimento monástico representou uma categoria extremamente significativa e detentora de força na hierarquia eclesiástica. No entanto, não podemos deixar de mencionar que, muitas vezes, também foi considerado incômodo por seu comportamento radical. A conduta ascética e a proposta de reclusão, como uma experiência solitária foram tidas, em muitos casos, como atitudes fanáticas. Além disso, a posição de alguns monges de não se submeterem à disciplina

¹⁶ Martinho foi um soldado romano que aderiu ao cristianismo niceno e se tornou bispo de Tours.

¹⁷ Cabe destacar que embora estas práticas sejam analisadas inicialmente como instrumentos de legitimação da Igreja dialogam diretamente com elementos do âmbito político, como por meio da contribuição de monarcas, autoridade políticas máximas do reino, na construção de mosteiros e demais edificações religiosas.

institucionalizada também foi motivo de crítica em distintos episódios (MAR MARCOS, 1998: 57).¹⁸

A construção da identidade dos dois santos por Fortunato é baseada no modelo monástico e pautada essencialmente em práticas ascéticas como a obediência, a condenação do prazer e o incentivo à seriedade.¹⁹ Estes aspectos estão em evidência principalmente no caso da rainha. Sua hagiografia destaca episódios de rigor no trato do monacato feminino e os desafios enfrentados por ela tanto em relação aos problemas em sua vida na corte, conflitante com aquilo que realmente desejava, quanto pelo regime de pobreza e castidade a que se submetia.²⁰ Na vida de Radegunda identificamos registros mais detalhados sobre essas referências, embora na trajetória de Albino os indícios sobre estes aspectos também sejam notáveis.

Entre as privações citadas na documentação destacamos o jejum por tempo prolongado, a péssima qualidade da comida consumida e a sede excessiva a que se submetiam. Peter Brown defende que entre as privações típicas da vida monástica a mais importante era a privação do alimento (1990: 186). Isto porque, para alcançar o modelo de vida ascética fazia-se necessário o autocontrole diante das atividades humanas cotidianas como um todo.

Ressaltam-se ainda, para além do afastamento da gula, elementos ligados ao controle do prazer corporal / emocional: sobriedade, seriedade, continência e sacrifício por meio do uso de cilício, anéis e correntes de ferro que pressionavam o corpo. Estes registros, há que enfatizar, estão em consonância com o desprezo pelo corpo e pelo sexo presente em grande medida na documentação do período medieval. (LE GOFF, 1983: 59).

De acordo com a nossa perspectiva, a presença de elementos ratificadores da recusa ao prazer corporal estão presentes nas hagiografias com objetivo de legitimar a condição de santidade por meio de uma rigorosa disciplina, ao invés das atrocidades

¹⁸ Neste trabalho, a autora chama atenção para episódios de violência, de exclusão e de rebeldia envolvendo monges.

¹⁹ A reclusão contínua é uma das características adequadas ao perfil de monge descrito nas fontes e consequentemente associada aos santos.

²⁰ Logo na primeira parte da hagiografia, Fortunato destaca a fragilidade do sexo feminino que pode ser superada com a ajuda de Cristo. Neste registro, o autor identifica a adesão à fé nicena e devoção a Deus como um dos mecanismos de superação das mulheres diante de sua condição inferior.

anteriormente impostas pelo martírio (SILVA, 2003: 279). Por outro lado, o objetivo mais específico da expressão religiosa monástica manifestava-se na oração constante e na leitura de textos sagrados, práticas que garantiriam o rigor ascético e a exaltação da alma em oposição ao corpo.

Considerações parciais

Identificamos na documentação analisada a permanência de elementos comuns a outros textos hagiográficos. Destacamos, por exemplo, a exaltação de qualidades morais relacionadas com a honestidade, fé, piedade, moderação, amor e fervor. Além disso, a presença de milagres também é característica frequentemente na narrativa hagiográfica.

Podemos associar estas demarcações na documentação com a propagação do culto aos santos e suas principais manifestações em nosso período de estudo, como o cumprimento da função de intermediário. Ou seja, esperava-se do santo o apoio e a proteção vindos de Deus para a vida no mundo e estas figuras deveriam se mostrar capazes para tais atribuições.

Além do mais, o autor traz nas *vitae* o caráter sacrificante das penitências e o controle como elementos de destaque. As privações e renúncias são lembradas como características inerentes ao comportamento dos santos e exemplificados em suas atitudes diárias. Em suma, acreditamos que o cristianismo, e sem dúvida, as hagiografias foram um dos instrumentos de integração social vigentes na Primeira Idade Média.

Além disso, os recursos hagiográficos nos permitem analisar as transformações das concepções relacionadas ao campo do sagrado. Estes textos, portanto, perpassam o âmbito religioso, mas nos auxiliam também a compreender as esferas política e cultural e como estas dialogam entre si, visto que não podemos demarcar separações precisas entre esses campos no medievo. Acreditamos assim que a reclusão cenobítica, o

controle sobre o corpo e o jejum foram algumas das características essenciais que fundamentam a compreensão do monacato estabelecido na Gália.

Referências Bibliográficas:

BALLARD, Michel, GENET, Jean-Philippe, ROUCHE, Michel. *A Idade Média no Ocidente: dos Bárbaros ao Renascimento*. Lisboa: D. Quixote, 1994. p. 50-63.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: __. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 27-78.

BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CASTELLANOS, Santiago. *La Hagiografía Visigoda: Dominio Social y Proyección Cultural*. Logroño: Fundación San Millán de la Cogolla, 2004.

CHARRONE, João Paulo. *O Público alvo das hagiografias em prosa de Venâncio Fortunato*. Revista Crítica Histórica, IV, n 7, p. 79-97, julho/2013.

CERTEAU, Michel de. Uma variante: a edificação hagio-gráfica. In: __. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p. 266-278.

COLOMBÁS, Garcia. *El monacato primitivo*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

DUNN, Marylin. The emergence of Christian Eremitism. In: __. *The emergence of monasticism. From the Desert Fathers to the Early Middle Ages*. Cornwall: Blackwell, 2000.

FORTUNATO, Venancio. *Vida de San Albino, obispo Andegaviense*. In: BODELÓN, Serafín. Venancio Fortunato y las letras en el Medievo y el Humanismo. *Tiempo y sociedad*, 13, p. 133-160, 2013-2014.

__. *Vida de Santa Radegunda*. In: PEJENAUTE, Francisco. *ARCHIVUM*, Oviedo, Tomo 57, p. 219-266, 2007.



GAJANO, Sofia B. Santidade. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc /Imprensa Oficial, 2002. p. 149-162.

LINAGE CONDE, A. La tipología de las fuentes de la Edad Media Media Occidental. *Medievalismo*, Madrid, v. 7, n. 7, 1997, p. 265-290.

LITTLE, Lester. K. Monges e Religiosos. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc /Imprensa Oficial, 2002. p. 225-241.

MAIER, Franz. *Las transformaciones del mundo mediterraneo – Siglos III / VIII*. Madri: Siglo Vientiuno, 1986. p. 214-227.

MARKUS, Robert A. *O fim do Cristianismo Antigo*. São Paulo: Paulus, 1997.

MAR MARCOS, Maria. Monjes ociosos, vagabundos y violentos. In: TEJA, Ramon (ed.). *Cristianismo Marginado: rebeldes, excluidos, perseguidos. I: De los orígenes al año 1000*. Madri: Polifeno, 1998. p. 57-75.

PEJENAUTE, Francisco. En los confines de la romanidade: Venâncio Fortunato, um escritor de fronteira. *ARCHIVUM*, Oviedo, L-LI, pp, 383-427, 2002.

SILVA, Andréa C. L. F. da (Org.). *Hagiografia e História: reflexões sobre o fenômeno da santidade na Idade Média Central*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2008.

SILVA, Gilvan V. da. *Reis, Santos e Feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da Basileia (337-361)*. Vitória: EDUFES, 2003.

SILVA, Leila. R. da. Trabalho e corpo nas regras monásticas hispânicas do Século VII. In: *Encontro Internacional de Estudos Medievais*, 5, 2003, Salvador. *Atas....* Salvador: Associação Brasileira de Estudos Medievais / Universidade Federal da Bahia, 2005. p. 192-198.

—. Monacato e literatura hagiográfica: *Vita Sancti Frutuosi* e *Vita Sancti Amandi* em perspectiva comparada. In: TEIXEIRA, Igor Salomão (Org.). *História e Historiografia sobre a Hagiografia Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 164-177.



SILVA, Marcelo C. da., MAZETTO JR, Milton. A realeza nas fontes do período merovíngio (séculos VI-VIII). *História Revista*, Goiânia, v. 11, n. 1, 2006, p. 89-119.

VAUCHEZ, André. Santidade. In: LE GOFF, Jacques. (Dir.) *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. V.12. p. 287-300.

VELAZQUEZ, Isabel. *Hagiografía y culto a los santos en la Hispania visigoda: Aproximación a sus manifestaciones literarias*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Asociación de Amigos del Museo. Fundación de Estudios Romanos, 2005. (Cuadernos Emeritenses, 32).

WOOD, Ian. *The Merovingian Kingdoms. 450-751*. Londres/Nova Iorque: Longman, 1994. p. 182-183.